

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 33-A, 2º andar  
LISBOA-PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Oficinas de Impressão e Estriptípia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras - Não se devolvem os originais - Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2456

DIÁRIO DA MANHÃ

# A BATALHA



Director Interino: JOAQUIM DE SOUSA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9550; Província, 3 meses 28550; África Portuguesa, 6 meses 6600; Estrangeiro, 6 meses 102300  
PAGAMENTO ADIANTADO

VALIDADO

SEXTO FEIRA, 3 DE DEZEMBRO DE 1926

## Somos pela demolição das velharias desde que se respeitem os interesses do povo

Dando execução aos projectos de remodelação da capital parece que a Câmara se prepara para expatriar e demolir os prédios da rua da Palma a fim de dar passagem à projectada avenida que há de vir desembocar no Rossio.

Será, se se realizar, uma obra monumental digna de menção. Nós sempre temos defendido essas remodelações necessárias na principal cidade do país, já porque elas vão dar trabalho a muitos desempregados, já porque não nos é indiferente a estética e a beleza das coisas.

Achamos bem que se deite abaixo tudo quanto é velho e impede a marcha da civilização, defendemos a *outrance* a modernização da cidade, gostaríamos de ver erguer-se belas obras monumentais, por isso tudo quanto está projectado há tanto tempo, e parece que agora vai ter execução, se for, merece a nossa simpatia. Entendemos que se deve, quanto antes, materializar todos esses projectos que repousam nos arquivos cheios de poeira e de cabos brancos. Mas entendemos também que eles, os belos projectos, devem ser executados com inteligência, de forma a não prejudicar o público nos seus interesses mais sagrados.

Há ruas interiores, bairros mesmo muito velhos, nojentos e insalubres, que as picaretas demolidoras já deviam ter arrazoado. Mas não devemos esquecer que nessas ruas arcaicas, nesses velhos bairros se acoita muita pobreza que não pode ficar sem abrigo.

Não somos dos que choram, com tremulos na garganta, a desaparição de pedrinhas venerandas, de parapeiros históricos mandados construir por reis ou grandes personagens que há muito repousam tranquilos e indiferentes nos seus tú-

mulos de mármore. Para abrir caminho à civilização, para dar melhores comodidades ao presente e a acudir ao futuro, não hesitamos em fazer desaparecer o passado. Mas quando, como sucede no momento presente, nesses pardieiros se acoitam por necessidade os que não têm melhor abrigo, lógico seria que primeiramente se obtivesse moradia para aqueles que sem moradia ficarão se as picaretas demolidoras começarem a trabalhar.

Neste caso da rua da Palma, como no projecto de demolição de parte de Alfama, a Câmara deve ter bem presente que se luta com uma crise enorme de habitações e que não é fácil algumas centenas de famílias encontrarem, de pé para a mão, situação onde se metem.

Esta Câmara está, ao que parece, com empenho em grandes realizações. Esse empenho tem-se manifestado principalmente na rapidez com que deita abaixo o que não presta. A demolição do mercado de 24 de Julho foi útil e encheu de satisfação todos os que dela tomaram conhecimento, teve apenas um contra, que parecendo pequeno, é na realidade grave: não se ter previamente obtido alojamentos para muitos dos que ficaram desalojados.

Agora pensa-se em demolir a velha e intransitável rua da Palma. Nós batemos palmas... mas verificamos que a Câmara ainda não deu um passo sequer no sentido de edificar casas, moradias cuja falta tanto se faz sentir mesmo antes das demolições.

Teria o Município pensado bem neste problema? Não sabemos. Mas se não pensou, nós, daqui, em nome do povo, permitimo-nos lembrar-lho para que mais tarde não alegue ignorância.

## EM TORNO DA EMIGRAÇÃO

## Os homens da Associação Comercial, depois de provocarem o êxodo dos trabalhadores representam a farça do "salvemos os desgraçados"

Não são ignorados os grande público os motivos porque é tão numerosa a percentagem de emigrantes portugueses: a terrível crise de trabalho que assola o país do norte a sul. As classes trabalhadoras, iançadas há muitos meses em triste inablor, vão procurar longe os meios de subsistência que aqui escassejam. Continuaremos aqui, sem recursos para viver, seriam aceitarem ligeiramente uma bárbara condenação: a de morrerem à fome!

E quem são os culpados desta triste situação? Muitos especialmente o alto comércio e a grande indústria. O alto comércio por não refrear as suas desmedidas ambições, exigindo um lucro fabuloso de um capital insignificante. Por pretender extorquir a parte de leito dos produtos que neogencia sem ter dado para a cultura ou manufatura desses produtos uma parcela de estôrno. Por ter, numa palavra, apenas uma missão aumentar a sua fortuna!

A grande indústria é culpada desta situação porque até hoje o industrialismo não cuidou de desenvolver as indústrias e arrancar delas o máximo proveito sem determinar a sua paralisação nem orner o povo com novos encargos. E' dizer: os industriais faltam inteligência para explorarem as indústrias. E, ao contrário, sobejamente à audácia para explorarem o trabalho. Da incompetência destes cavalheiros resulta, necessariamente, o agravamento do preço dos produtos manufacturados nessas indústrias.

Em análise subsequente temos na valorização do escudo uma outra causa da crise de trabalho e da concomitante emigração. O desequilíbrio económico provocado pela subida do escudo trouxe um aparente bem estar para as classes trabalhadoras, bem estar que derivou em tragédia logo que o escudo canalizou para a valorização.

E a quem cabe as responsabilidades desse desequilíbrio, dessa verdadeira "adebace"? Ao alto comércio; à grande indústria Sim, porque não é o operariado, não é as classes trabalhadoras que cabe a responsabilidade dessa calamidade!

A's classes laboriosas não lhe pode ser imputada a culpa da desvalorização do escudo. E' verdade que essas classes em sucessivos movimentos reclamaram aumento de salário! Mas porquê? Porque o custo da vida atingiu um coeficiente espantoso, um coeficiente que obrigava a uma elevação da receita do operário!

Sendo o alto comércio e a grande indústria os culpados do encarecimento do custo da vida são eles também os responsáveis dos movimentos em que os trabalhadores se lançaram. O operariado foi a principal vítima das suas criminosa ambicões, e será por muito tempo o bode expiatório do seu desírio de astanga!

Por isso o desgarrado tem que emigrar, tem que ir longe buscar o que no seu berço natal lhe falta.

Mas a que organização pertencem os responsáveis da carestia da vida e da saída para o estrangeiro de milhares e milhares de trabalhadores acoçados pela fame? A' Associação Comercial de Lisboa!

Pois esta colectividade, que também se tem ocupado da emigração, enviou-nos ontem o seguinte ofício:

O operariado emigra porque elas lhe negam o trabalho, ou quando lho dão retribuem-no miseravelmente!  
Já é ter descaratamento! Não entendem esses sanguessugas que a emigração ainda é o recurso que ao operariado resta para resistir às ambicções dos homens da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa!

Não negassem esses cavalheiros o trabalho a milhares de desgraçados que partiram e já elas não abandonaram as suas terras e os seus lares, já elas não iriam procurar longe alívio ao seu sofrimento. Retribuíssem esses senhores devidamente o trabalho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## ANGOLA E METROPOLE-BANCO DE PORTUGAL

## Honorabilidade indiscutível, crédito comprado e boa fama na Europa

### Como os «inocentes» fazem a propaganda do Estado português no estrangeiro. Das partes gagas do tribunal de Haia às aventuras galantes no "Hotel des Indes" — Como lhes agradecerá o Estado capitalista?

Sabemos que muitos leitores desejariam que prosseguissemos hoje no mesmo tom de anteontem, ao apreciar o julgamento de Marang, em Haia. Mas não podemos passar a vida a brincar com coisas sérias. A comédia da emissão secreta das notas falsas é, no fundo, um caso bem grave. E se a ironia se ajusta, uma vez por outra, a alguns dos seus episódios, na maioria dos casos, os acontecimentos de facetas bem tristes ou revolucionários provocam mais indignação e revolta do que o riso complacente.

Se, por vezes, ao apreciarmos as attitudes e as manobras dos dirigentes do Banco de Portugal, um sorriso sádico nos aflora aos lábios, na maior parte dos casos o sorriso é substituído por palavras que, por muito violentas que sejam, não conseguem exprimir o natural desforno que o povo enganado desejaria tirar dos que à sua cesta fazem tranqueiras e vivem à tripa fórra.

### Defensores oficiais do Estado--inimigos do Estado

Fizemos há dias referência à figura triste que os dirigentes do Banco de Portugal fizem em Haia. Se fôssemos patriotas e defensores do Estado capitalista, esses homens seriam recebidos em Portugal com o maior dos desprazos ou o maior dos apuros. O que elas foram fazer em pleno tribunal, não o fazia o mais encarniçado adversário do Estado burguês. Gaguejando perante as notas de 1.000 escudos (não as de 500 do Angola e Metrópole, note-se bem) de série e numeração repetidas, manifestaram-se culpados das tremendas acusações que A Batalha produziu em 21 de Agosto do corrente ano. Se é dessa forma que elas se vão defender, quando A Batalha for chamada a responder pelos processos que lhe moveram, estão arranjados, Esmagá-los hemos. E a nossa principal acusação é essa, a que confirmaremos com a apresentação das notas de 1.000 escudos "Luís de Camões", cujos *fac-similes* reproduzimos no aludido número e cujos originais—fazendo prova em Haia—acabam de despenhar-se

sobre as cabeças dos «inocentes» como esmagadores blocos de granito.

Se fôssemos patriotas perante o descrédito que a atitude desses falsificadores vulgares tiveram em Haia, não nos calariamos, não permitiríamos que suas mãos perigosas voltassem a tocar num único papel do Banco de Portugal. Mas não nos incumbimos de defender o Estado capitalista. Apenas desejamos, ao registrar estes factos, mostrar ao povo trabalhador o estofo moral daqueles que têm nas suas mãos o produto das suas canseiras, das suas labutas, das suas misérias.

tugal, escolheram o afamado Hotel des Indes para local das suas rapazadas, porque não há de A Batalha dizer ao público português, que elas nessa noite, um pouco alegres, levaram para o referido hotel umas damas tão alegres, tão alegres, que até se despiram à frente do porteiro indignado para que elas não as puzessem na rua em traços menores?

Fernando Emílio da Silva, o mais novo de todos elas, foi o mais ardente defensor da "honorabilidade" das damas e, para que a sua querida não se sujeitasse no dia seguinte a ver a entrada impedida pelo porteiro do Hotel des Indes, fez a hospedar no Hotel Central, ali próximo.

Vá, sejamos condescendentes e não digamos agora, que depois do êxito ruidoso das suas respostas no tribunal de Haia, os dirigentes do Banco de Portugal produziram pugnado pelo bom nome e crédito do país...

O velho projecto do financiamento de Angola

Para variar... voltemos ao caso das notas e ao julgamento de Marang. Os leitores lembram-se que, no momento em que toda a gente, sugestionada pelos artigos do *Século*, julgava estar em presença de um caso vulgar de falsificação de notas, que tinha um risco, nós puzemos tudo em pratos limpos. Dissemos, perante a incredulidade de muita gente, que as notas eram boas, fabricadas por Waterlow & Sons, e que elas haviam sido emitidas secretamente de combinação entre o Banco de Portugal, o Angola e Metrópole e o Alto Comissário de Angola. Aquela processo secreto de financiamento não era caso virgem—embora fosse «inocêncio». Sabia-se que a Alemanha já o usara e que o Estado brasileiro em tempos o experimentara também com óptimos resultados. Era uma falsificação oficial, que, em segredo, poderia dar resultados, mas que descoberta não só desacreditaria (como desacreditou) as notas emitidas, como colocaria os próprios defensores do país...

As parece que os Inocentes não se contentaram com as suas palavras comprometedoras no tribunal, porque julgando ter cumprido um alto dever que acrescentasse mais alguns louros à coroa da sua honorabilidade intangível, resolveram—talvez para comemorar o seu triunfo—embalar-se eleganteamente, pela noite, e fazer do conhecido Hotel des Indes uma hospedaria barata onde meter as suas boas amigas de ocasião.

O caso produziu grande escândalo na Holanda. E se ele não tivesse tão frágima correlação com o julgamento não lhe faríam a menor referência pública. Mas o público holandês, símbolo desta burguesia desorda e desonesta, recebe apenas os insultos que merece.

As parece que os Inocentes não se contentaram com as suas palavras comprometedoras no tribunal, porque julgando ter cumprido um alto dever que acrescentasse mais alguns louros à coroa da sua honorabilidade intangível, resolveram—talvez para comemorar o seu triunfo—embalar-se eleganteamente, pela noite, e fazer do conhecido Hotel des Indes uma hospedaria barata onde meter as suas boas amigas de ocasião.

Porém já decorridos 17 anos e os primeiros cérebros começaram a afilar no rosto do monumento. Como fôssem tomados proporções grandes, a actual comissão administrativa do Município encarregou os homens de lhe aplicarem uma lavagem por meio de agulha, o que quer dizer uma autêntica barbeadela. E lá está ele todo ancho de cara escanhoadas esperando 17 anos para de novo ver a «Gillet».

Revelamos, desde há dias, a organização secreta do «Espadim Português». E ainda os republicanos parecem não acreditarem que dizemos e já estamos nós, os únicos que sentem os ideais de liberdade, na suspeita de que outras organizações conspiratórias dos monárquicos existem.

Digam-nos, pois, os republicanos: que sabem da organização terrorista de monárquicos que recebeu a designação de *Legião Português*? Digam-nos também se se perceberam já as visitas diárias que um monárquico secretário, que foi expulso do exército, em tempos, faz a um escritório da rua Nova de Almada?

Será verdade que existe, ainda, uma organização monárquica denominada *Real Falaço*? E qual é a situação que nela ocupa um insensato, cujo nome é bem conhecido no café *Chave de Ouro*?

Chegou a vez de os republicanos informarem-nos concisamente. Dos monárquicos não falamos. Os seus desmentidos têm sido tão inopportunos e desastrosos que já se decidiram ao silêncio que não conseguem disfarçar a sua angústia e a sua desorientação.

Sabíamos que a nossa ardorosa campanha contra o trama reaccionário poderia encobrir de júbilo os republicanos que, sem coragem para lutar, se acomodaram a todas as tentativas liberticidas. Não quisemos, porém, servir o interesse, mais policial do que ideal, de republicanos que, como medida de defesa da liberdade ameaçada, apenas têm encerrado tantos revolucionários

que se promete mas não se reconhece.

Sabíamos que a nossa ardorosa campanha contra o trama reaccionário poderia encobrir de júbilo os republicanos que, sem coragem para lutar, se acomodaram a todas as tentativas liberticidas. Não quisemos, porém, servir o interesse, mais policial do que ideal, de republicanos que, como medida de defesa da liberdade ameaçada,

que se promete mas não se reconhece.

Sabíamos que a nossa ardorosa campanha contra o trama reaccionário poderia encobrir de júbilo os republicanos que, sem coragem para lutar, se acomodaram a todas as tentativas liberticidas. Não quisemos, porém, servir o interesse, mais policial do que ideal, de republicanos que, como medida de defesa da liberdade ameaçada,

que se promete mas não se reconhece.

Sabíamos que a nossa ardorosa campanha contra o trama reaccionário poderia encobrir de júbilo os republicanos que, sem coragem para lutar, se acomodaram a todas as tentativas liberticidas. Não quisemos, porém, servir o interesse, mais policial do que ideal, de republicanos que, como medida de defesa da liberdade ameaçada,

que se promete mas não se reconhece.

Sabíamos que a nossa ardorosa campanha contra o trama reaccionário poderia encobrir de júbilo os republicanos que, sem coragem para lutar, se acomodaram a todas as tentativas liberticidas. Não quisemos, porém, servir o interesse, mais policial do que ideal, de republicanos que, como medida de defesa da liberdade ameaçada,

que se promete mas não se reconhece.

Sabíamos que a nossa ardorosa campanha contra o trama reaccionário poderia encobrir de júbilo os republicanos que, sem coragem para lutar, se acomodaram a todas as tentativas liberticidas. Não quisemos, porém, servir o interesse, mais policial do que ideal, de republicanos que, como medida de defesa da liberdade ameaçada,

que se promete mas não se reconhece.

Sabíamos que a nossa ardorosa campanha contra o trama reaccionário poderia encobrir de júbilo os republicanos que, sem coragem para lutar, se acomodaram a todas as tentativas liberticidas. Não quisemos, porém, servir o interesse, mais policial do que ideal, de republicanos que, como medida de defesa da liberdade ameaçada,

que se promete mas não se reconhece.

Sabíamos que a nossa ardorosa campanha contra o trama reaccionário poderia encobrir de júbilo os republicanos que, sem coragem para lutar, se acomodaram a todas as tentativas liberticidas. Não quisemos, porém, servir o interesse, mais policial do que ideal, de republicanos que, como medida de defesa da liberdade ameaçada,

que se promete mas não se reconhece.

Sabíamos que a nossa ardorosa campanha contra o trama reaccionário poderia encobrir de júbilo os republicanos que, sem coragem para lutar, se acomodaram a todas as tentativas liberticidas. Não quisemos, porém, servir o interesse, mais policial do que ideal, de republicanos que, como medida de defesa da liberdade ameaçada,

que se promete mas não se reconhece.

Sabíamos que a nossa ardorosa campanha contra o trama reaccionário poderia encobrir de júbilo os republicanos que, sem coragem para lutar, se acomodaram a todas as tentativas liberticidas. Não quisemos, porém, servir o interesse, mais policial do que ideal, de republicanos que, como medida de defesa da liberdade ameaçada,

</

**TEATRO SALÃO FOZ**  
Matinée às 8 da tarde—Soirée às 8,45  
ESTREIA do notável dueto cômico-sério  
**LES MAROCC**  
GRANDIOSO ÉXITO do dueto  
francês a grande voz  
**Marty et Riant**  
ULTIMOS ESPECTACULOS  
da graciosa bailarina-completista  
**FABIOLA**  
Concerto pela FOZ MELODY BAND  
No écran—O HOMEM DE SCIENCIA (5 p.)  
PREÇOS POPULARES

**Luta de classes****Os fabricantes de calçado reclamam aumento de salário**

Os fabricantes de calçado estão fazendo um movimento que merece o aplauso de todo o operariado. Em face da carestia reivindicam aumento de salário. Mas suas reclamações não esquecem os interesses dos consumidores, na maioria operários também, visto que protestam contra a má qualidade dos avanços empregados.

De um manifesto que a comissão de melhoramentos do Sindicato dos Fabricantes de Calçado de Lisboa dirige à classe recorremos os seguintes e elucidativos pedidos:

"E deveras critica a situação que os fabricantes de calçado atravessam, mercê da baixa de salários que alguns obreiros-desses mais miseráveis—impõem-lhe, e põe em perigo os preços de mão de obra que constam da tabela da nossa Associação, em vigor desde 1924, acite pelos senhores industriais. Os fabricantes de calçado que através dos tempos sempre têm sabido defender, com dignidade, os seus interesses, não podem desmentir essas heroicas tradições, consentindo que uns engenheiros quaisquer, que se apelitem de obreiros, abusem velhacamente dos interesses e da dignidade dum classe composta por milhares de trabalhadores, que só sabem viver do produto do seu trabalho.

O que se está passando em oficinas desses tais obreiros, alguns até misturando sapatos com as panelas de cozinha, tal é a ânsia de fabricarem, é simplesmente vergonhoso; porque não se limitam a pagar menos que o que está estipulado na nossa tabela, é o avanço que eles dão para a manufatura da obra que não presta, e pretendem fazer dos operários uns verdadeiros sabujos.

Tudo isto é nojento, é incômodo dos ma-

nufactores de calçado que sempre soube-

ram responder condignamente a quem deles pretende fazer capacho.

Depois, a baixa que os senhores obreiros pretendem—e que alguns por falta de energia dos operários conseguiram—é para competirem no mercado uns com os outros. Ora isto não podemos, nós operários, tolerar. Se eles se querem comer, roubando-se os fregueses, que o façam à sua custa e não à nossa. A carestia da vida e o facto de só termos para comer quando trabalhamos, não permite que sejamos o bode espiatório da guerra que os senhores obreiros fazem uns aos outros.

Portanto, camaradas, é necessário defen-

der com energia o pé de nossos filhos,

contra a quadrilha que tem ridicularizado

uma indústria de tão belas tradições e ain-

da por cima o querer fazer à custa da mossa misericórdia.

Em face deste estado de coisas já hoje se

realiza uma grande sessão para a qual a co-

missão de melhoramentos fará distribuir o

seguinte convite:

"Tratarmos os nossos interesses, que a

ganância dos patrões está pondo em perigo,

impõe-se.

Os fabricantes de calçado necessitam

demonstrar ao patronato que ainda têm

energia para lutar.

Perante o encarecimento do custo da vida

é necessário reclamar aumento de salário e

ainda consentir que baixem os que, se

gundo a tabela da nossa associação, temos

que receber.

Para apreciar este estado de coisas e pre-

parar-se a reclamação de aumento de salá-

rio em conformidade com a nossa tabela,

convidam-se todos os fabricantes de cal-

çado da área do Alto do Pina a assistir à

sessão que hoje, às 20 horas, se realiza na

sede das secções operárias do Alto do Pina,

rua Barão Sabrosa, 81, 1°.

E' necessária a comparecência de todos.

Sejamos unidos, pois da nossa união nasce

a força com que temos de enfrentar os nos-

sos exploradores.

A sessão, pois...

**O fim de uma heroica luta****O regresso à normalidade...**

LONDRES, 2.—Os mineiros do sul de

Gales regressaram hoje ao trabalho, es-

tando definitivamente terminada a greve

nacional dos mineiros de carvão. As me-

diadas extraordinárias do estado de circuns-

tâncias excepcionais só hoje revogadas pelo

governo, bem como todas as restrições

estabelecidas para o consumo e comér-

cio de carvão.

**Actividade industrial...**

LONDRES, 2.—O regresso à normali-

dade da produção carvoeira originou uma

grande actividade industrial, especialmente

nas altas indústrias, que mais estavam so-

frendo com a restrição do consumo. As in-

dústrias do aço viram-se obrigadas a uti-

izar largamente o carvão estrangeiro, pro-

vendo-se, porém, que a sua potência calo-

riera é inferior, em metade, à do carvão

ingles.

**Subsídios aos operários...**

MOSCOW, 2.—O Congresso dos Sindi-

catos Operários Comunistas enviaram mais

400.000 rublos aos grevistas mineirosingle-

sas.

**TEATRO AVENIDA**

Telef. N. 4350

O teatro mais popular de Lisboa

HOJE, às 21,30 horas

COMPANHIA SATANELA-AMARANTE

Especiais: sem risco em bilhete e o único

teatro que explora com éxito o gênero da comédia musical.

O monumental "vaudeville"

O Dr. da Mula Ruça

**TEATRO NACIONAL**

HOJE

Telef. N. 3049

**COMPANHIA**

BERTA BIVAR—ALVES DA CUNHA

A's 21 horas: — A representação

da tragi-comédia em 4 actos

e 17 quadros, de Lenormand

**O HOMEM**

E OS SEUS

**FANTASMAS**

Formidável trabalho de

Alves da Cunha

E

Adelina Abranches

A actualidade bolxevista

O corpo da Krassine chega a Moscova

MOSCOWIA, 2.—A urna contendo as

cinzas de Krassine chegou ontem em com-

bóto especial a esta cidade, sendo aguar-

da na estação pelos membros do governo

sóviético e corpo diplomático. Segui-

amente organizou-se o cortejo fúnebre em

direção ao Kremlin, desfilando entre com-

pactas filas de povo. A urna foi colocada à

direita de Lénine, sendo deposita uma coroa

pelo sr. Rantzen, embaixador alemão, como

decêduo diplomático. (—L.)

Os ingleses queixam-se

LONDRES, 2.—O sr. Chamberlain de-

clarou na câmara dos comuns que a propa-

ganda soviética tem violado largamente as

cláusulas do tratado de comércio anglo-

-russo, a ponto de poder ser denunciado

pela Inglaterra, mas até agora não pareceu

conveniente proceder assim. (—L.)

Os bolxevistas almoçam

BERLIM, 2.—Tchitchiner almoçou hoje

com o sr. Stressmann, tendo sido igual-

mente convidados o embaixador russo, o

secretário geral e outros funcionários su-

periores do ministério dos negócios estran-

geiros. (—L.)

Hospitais Civis de Lisboa

Concurso para vagas de internos

A Direcção geral dos Hospitais de Lis-

boa abriu hoje concursos de provas docu-

mentais e práticas, públicas e eliminatórias,

para o provimento das seguintes lugares de

internos do 2º ano: 8 de serviço geral de clínica médica; 10 de serviço geral de clíni-

ca cirúrgica, 2 da especialidade de oftalmologia;

1 da especialidade de dermatologia;

1 da especialidade de pediatria cirúrgica;

2 da especialidade de obstetrícia;

1 do serviço de anatomia pato-

logia.

Nos hospitais civis de Lisboa está tam-

bém aberto, pelo prazo de trinta dias, con-

curso de provas documentais e práti-

cas, públicas e eliminatórias, para o provi-

mento de internos de enfermagem.

Continua a obter êxito nas "matinées" e nas "soirées": os duetistas a grande voz

Marty, tenor, e Riant, soprano dramático e

Fabiola, bailarina e completista de renome.

Os espectáculos abrem com o drama de

aventuras "O homem de ciência", e a popular orquestra de jazz "The Foz Melody Band", dada um interessante concerto.

A actualidade chinesa

Dizem os estrangeiros que a situação

melhorou

XANGAI, 2.—As últimas notícias rece-

idas de Hankow dizem que a situação mel-

horou finalmente, tendo sido estabelecidos

acordos com alguns dos sindicatos operá-

rios, restando apenas o perigo por parte

dos agitadores, que procuram fomentar a

eclosão de combates entre chineses e es-

trangeiros. A presença dos navios de guerra

e os desembarques de contingentes na-

## MARCO POSTAL

Foz do Douro—J. A. de Castro—Recebemos 95\$00. Pagou a assinatura do mês de Maio de 1925.

## CAMBIOS

| Paises                 | Compra  | Venda |
|------------------------|---------|-------|
| Sobre Londres, chequer | 95\$00  |       |
| Madrid chequer         | 25\$00  |       |
| Paris chequer          | 57\$    |       |
| Suiça                  | 257\$5  |       |
| Bruxelas chequer       | 257\$   |       |
| New-York               | 105\$04 |       |
| Amsterdão              | 75\$84  |       |
| Itália, chequer        | 58\$4   |       |
| Brasil                 | 254\$0  |       |
| Praga                  | 55\$5   |       |
| Suecia, chequer        | 52\$4   |       |
| Austria, chequer       | 257\$7  |       |
| Berlim,                | 45\$66  |       |

## TEATROS

Nacional.—A's 21.—O homem e os seus fantasmas.  
São Luís.—A's 21.—O Príncipe Orloff.  
Gimnásio.—A's 21, 30.—A Peleira do Gato.  
Politânea.—A's 21.—O Ódilo num 5º andar.  
Apolo.—A's 20, 30 e 22, 30.—A Mouraria.  
Eden.—A's 20, 45 e 22, 45.—Cabaz de Morangos.  
Variedades.—A's 20, 30 e 22, 30.—Era uma vez uma menina.  
Joaquim de Almeida.—A's 20, 30 e 22, 30.—Variedades.  
Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo.  
Salão Foz.—A's 15 e às 20, 30.—Variedades.  
Avenida Parque.—Diversões.

## CINEMAS

Tivoli.—Avenida da Liberdade.—Ólimpia.—«Matinées» e «soirées»—Salão Central.—Praça dos Restauradores.—Chiado Terrasse.—Rua António Maria Cardoso.—Cinema Condesa.—Avenida da Liberdade.—Pathé Cinema.—Rua Francisco Sanches.—Salão Ideal.—Rua do Loreto.—Eden Cinema.—Rua do Alvito (Alcântara).—Cine Paris.—Rua Ferreira Borges.—Alhambra.—Parque Mayer.—Variedades.—Salão Lisboa.—(Mouraria).—Cine-Esperança.—(Rua da Esperança).—Domingos, terças, quintas e sábados, às 20, 30, animatógrafo.—Salão da Promotora.—A's 20 horas.

## ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.  
Pedidos a:

## FRANCISCO LATTÀ

LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria e Kiosque

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheti com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 150\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

## A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckino. Preço 150\$00.

Associação de Socorros Mútuos

## UNIÃO LISBONENSE

Sede—Rua de São Paulo, 104, 3º. Direito—lisboa

Mesa da Assembleia Geral

## AVISO

Convoco a Assembleia geral desta Associação a reunir na sua sede, dia 20 horas do dia 6 do corrente, sendo a ORDEM DOS TRABALHOS: Eleição da Mesa da Assembleia geral, Direção e Conselho Fisco para o exercício do p. 1. ano de 1927.

Não se reúnindo neste dia por falta de número legal de sócios, realizar-se-há a mesma assembleia, com qualquer número, no dia 14 do corrente, à mesma hora, local e para o mesmo fim.

Lisboa, 2 de dezembro de 1926.—O Presidente da Mesa, Domingos José Malheiros Júnior.

## LA NOVELA SOCIAL

## LA LOCA VIDA

E' o título do n.º 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de 50\$. Pelo correio 57\$00.

## A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

livro útil às boas donas da casa. Preço 25\$00; pelo correio, 28\$00. Pedidos à administração de A Batalha.

## ASSINEM Os mistérios do Povo

nenhuma nela. Declaro que lhe recuso todos os meios de acção de que posso dispor e que me oponho a ela por todos os meios possíveis, lícitos ou ilícitos. E como nada mais tenho a fazer aqui, tenho a honra de os cumprimentar a todos, meus senhores. (Caminhando para a porta.) E tenho dito.

Humberto, detendo-o na passagem.—Miserável! hipócrita, vil tonsurado, tratante! você será capaz de nos ir denunciando?

Morlet.—Sou capaz de tudo para impedir a realização dum acto não aprovado pelo geral da minha ordem. O geral pronunciou-se. Todos lhe devem obedecer, incluindo os reis, e até o próprio papa... Si-lêncio! obediência.

Dito isto, o jesuíta, aproveitando o espanto que entrecausaram a sua audácia e o seu sangue frio, saiu do quarto, dizendo ao pequeno Rodin, que esperava à porta:

— Vamos, meu rapaz, que temos que temos fazer noutra parte.

— Aqui estou, respondeu o pequeno Rodin, pronto a segui-lo, meu bom padrinho! Ordene, que eu obedecerei.

— ...

João Lebrein tinha sido encarregado, a 10 de Dezembro de 1792, de ficar de guarda a Luis XVI, preso no Templo com a família, e ocupava um quarto contíguo ao do ex-rei. João Lebrein sentia uma espécie de compaixão pelo prisioneiro, pensando que este homem, nascido com boas intenções, dotado de certas boas qualidades pessoais, tinha sido impelido pela sua condição de rei a praticar actos que deviam acarretar sobre ele um severo castigo. Luis XVI sofria o seu cativeiro com resignação, testemunhando raras vezes cólera ou desgosto pela vigilância a que estava sujeito, e esperava que a convenção se contentasse com de-

re-llo até estar assinada a paz, e exilá-lo depois. Luis XVI mostrava-se muito solícito com a mulher, com a irmã, com o filho e com a filha, o que era mais uma

## A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora...  
Sapatos em verniz...  
Elos pretos (grande salão)...  
Lona...  
Groselha de botas pretas...  
Elos de cor para homens...

No combinar a SOCIAL OPERARIA com a sua Casa.

Ver bem, pois só a encontra bona barata. A Social Operaria é marca das Cavalarias, 18-20, com Filial na mesmarua, n.º 45.

PELES!!!

A casa que melhor sortido apresenta e que mais barato vende é a

## PELARIA CONFIANÇA

3—Rua da Palma — 3-A

Esta casa tem sempre um grande stock de mulinhas para senhora, vindas directamente das melhores fábricas estrangeiras.

Barreiros & Jesus

TELET. N. 3691

## Depósito da Covilhã

ROSSIO, 93, 1º

Telefone N. 4663

Acabam de chegar muitos padrões de boas fazendas de lã para renda Directa. Boas fábricas ao público com preços muito baixos.

Estofados e casinhas desde Esco 1100 o metro.

Grande sortido das principais fábricas do país, e um escolhido sortido de fazendas estrangeiras que vendemos por preços sem competição. Há feitos e fazem-se por medida, sobretradas para homens e crianças, desde Esco 18500. Casacos de senhora desde Esco 12000.

Tem atelier para a sua enorme clientela.

Executam-se fatos em 24 horas

Manda amostras para a província e em Lisboa ao domicílio

## Lotaria do Natal

Em 23 de Dezembro de 1926

Prémios maiores... 4.000.000\$00

Bilhetes a 1.000\$00 e quadragésimos a 25\$00, cauetelas a 6\$00. Pelo correio mais \$80.

Pedidos a

## Campião &amp; C.

116, RUA DO AMPARO, 116

LISBOA

"A BATALHA" no Funchal vende-se No Bureau de La Presse.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista intitulado *El drama de un amor vulgar*, de J. Rodriguez Aragón, —Preço, 50\$00. Pedidos à administração de A Batalha.

Depósito.—Livraria Renascença, rua dos Pois de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

Suplemento semanal ilustrado

NÃO COMPREM LIMAS OU GROSAS sem consultar  
a Empresa de Limas União Tomé Féteira, Lda  
Sede em VIEIRA DE LEIRIA  
Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras  
EXPERIMENTAR É ADOPTAR—Visitem a nossa agência em Lisboa  
Travessa do Fala Sô, 9-B TELEF. N. 3415

## O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSIVEL AOS RICOS

## A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

## PROLETARIZOU-O

Por isso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528,  
Escritório e Garages: Rua Almirante Barroso 21

## NINGUEM!! NINGUEM!!

deve comprar casacos para senhoras e crianças em peluches de lã, peluches de seda e de outros tecidos de lã modernos e sobretudos para homens

sem primeiro ver na

## CASA MARIPOSA

RUA DOS FANQUEIROS, 87 a 91

## Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 300.

Entre Vinhados e Pomares (novela), por Mário Domingues, 600.

No Sertão d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 600.

A' venda nas livrarias e na administração de A Batalha.

Depósito.—Livraria Renascença, rua dos Pois de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

## Edições de "A Semelhante"

Práticas néo-maltusianas...

O sentido em que somos anarquistas...

A peste religiosa...

A liberdade...

A internacional (música e letra)...

Pedidos à BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

## FATOS

A 220\$00 feitos por medida em boas casemiras. Recebem-se fatos a feito e forros por 120\$00.—ALFAIATARIA DIAS, 84, rua D. Pedro V, 86.

## Livraria de A BATALHA

## OBRAS DE LITERATURA, CIÉNCIA E ENSINO

Jorge Teixeira,—Catunos de Lusa Branca—A Escomalha (peças de teatro).

Abel Botelho—Amanhã..... 16\$00

Alexandre Herculano—Lendas e Narrativas (2 volumes)..... 18\$00

Cartas (2 volumes)..... 18\$00

História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal (3 vol.)..... 27\$00

Adolfo Lima—Contrato do Trabalho..... 10\$00

educação e ensino..... 5\$00

O ensino da história..... 1\$50

Aquilino Ribeiro—Anatole France..... 3\$00

Estrada de São Tiago..... 10\$00

Jardim das Tormentas..... 10\$00

Via Sionosa..... 10\$00

As Filhas da Babilónia..... 10\$00

Terra do Demo..... 10\$00

Augusto Machado—Impossível redenção (novela)..... 25\$

Augusto de Sousa—Fôlhas perdidas (Fados)..... 10\$00

# A BATALHA

D. ABAD DE SANTILLAN

N.º 1

Se a burguesia não quere que os trabalhadores emigrem  
dê-lhes trabalho e pague-lhes equitativamente.

## A JORNADA DE SEIS HORAS

Em Março de 1925 efectuou-se, em Amsterdão, o segundo congresso da nova Associação Internacional dos Trabalhadores. Assistiram delegados das organizações operárias revolucionárias de Alemanha, Suécia, Noruega, Holanda, Espanha, Portugal, Itália, Argentina, Uruguai e Brasil.

Sob proposta de delegação argentina, aprovou-se a seguinte moção:

«Considerando que a Associação Internacional dos Trabalhadores aspira à supressão de todas as formas do salariado e à abolição do Estado, interpretando assim um dos seus objectivos mais importantes e fundamentais—e esse objectivo só será realizado com a organização revolucionária da classe operária;

que as lutas práticas por melhores condições, dentro da sociedade capitalista, são de valor singular no desenvolvimento da iniciativa revolucionária do movimento operário e na elevação do nível de vida em todos os domínios da existência material e espiritual;

que a extinção do desemprego, mal que torna insuportável a vida a milhares de proletários, é uma necessidade urgente da hora que passa, sendo o desemprego, em parte, a consequência de uma superprodução atribuída ao facto de a produção não ser determinada pelas necessidades da população, mas pelos interesses do capitalismo e pelo baixo nível dos salários;

que se atinge essa superprodução aparente por meio do aperfeiçoamento científico de todos os instrumentos de produção;

que os progressos da produção mecânica tornam necessariamente de ser acompanhados de uma correspondente redução da jornada de trabalho, porque, mesmo no sistema capitalista, não se devia abandonar exclusivamente as vantagens de semelhantes progressos aos detentores contemporâneos das riquezas sociais;

considerando, enfim, que, de acordo com as mais incontestáveis conclusões da investigação científica, a jornada de oito horas, na indústria moderna, ocasiona maiores energias vitais e provoca um grau de tensão superior à capacidade normal de resistência física do homem;

que já em várias indústrias de países diferentes é um facto a jornada de seis horas;

o congresso declara:

«Que a Associação Internacional dos Trabalhadores apoia, com todos os meios que tem ao seu alcance, toda a acção e toda a luta, que tenha o fim de melhorar praticamente a situação da classe operária. O congresso exorta o proletariado a participar activamente em toda a acção tendente à conquista da jornada de seis horas.»

A moção pareceu a muitos militantes revolucionário talvez precipitada e sem objetivo. Foi apreciada de maneira diversa, quando não silenciada, por sistema, nos primeiros tempos. Pouco a pouco se tem aberto caminho, e agora queremos resumir algumas razões que nos levaram à defesa desta inovação, sem ter em conta a critica situação de desalento e cansaço que afflige o proletariado internacional.

Bem sabemos que algum esforço terá de custar romper a geral indiferença e interessar as grandes massas nessa reivindicação. Supomos, contudo, que a redução da jornada de trabalho se torna imperiosa na actual situação da técnica produtiva, e que, se se quiser aliviar um pouco a penuria crescente dos trabalhadores, quanto mais não seja de modo efémero, durante alguns anos, apenas,

(Continua)

## A INSTRUÇÃO EM PORTUGAL

### Uma escola que está ameaçada de acabar por falta de auxílio do Estado

FIGUEIRA DA FOZ, 30.—A escola João de Deus fica situada próximo do hospital. É uma casa simples, mas de construção apropriada para uma escola. Não se assemelha, portanto, áquelas pardieiros onde as crianças são obrigadas a permanecer durante as horas das aulas. E' oriada por um pequeno jardim bem cuidado e vedada por um gradeamento de ferro. Interiormente compõe-se de um vestíbulo, retretes à esquerda, vestiário e balneário à direita. Uma sala espaçosa com janelas largas. E' a sala dos trabalhos manuais. Em frente à esquerda uma aula para a 1.ª classe e à direita a cozinha, para a 2.ª. Tem ainda a cantina e a cozinha.

Tudo aquilo é um esmero de asseio.

As crianças — nós verificámo-lo bem — vivem ali plenamente satisfeitas, durante as horas em que os pais as vão entregar aos desvelos das professoras.

Sabe bem visitar, de quando em vez, uma instituição dessa natureza.

As crianças envergam uns bipes de riscado e calçam alpergatas. E as castas, a pobreza e a riqueza, não se diferenciam naquela indumentaria simples e prática. Ali dentro tanto tem a criança rica como aquela outra que o não é. Vivem ali numa grande família, a grande família da escola.

Visitámos todas as dependências do Jardim-Escola, sem declinarmos a nossa identidade.

Queríamos falar à vontade, numa conversa que brotasse espontânea, que não fôsse estudada, que não fôsse medida.

Falamos de diversos assuntos respeitantes às formas de ensino e fomos cair no terreno da educação infantil.

E a directora, com uma gentileza que nos sensibilizou, foi dizer:

— A educação que a maioria das crianças recebem presentemente não é uma educação só, cuidada, que possa vir a dar frutos sazonados. Temos por exemplo, o baile.

Hoje—dizia com veemência—nenhumas se coibe de estar com uma criança num baile até a 1 hora da madrugada e mais. Ora a criança deve ter um repouso metódico, para disciplinar todas as funções dos órgãos vitais.

E' assim que a criança se começa a fatigar, e vem mais tarde a tornar-se um anormal e mentecapto.

Temos agora o cinema. O cinema — é um antro de degenerescência moral. E no entanto a criança frequenta-o. Pois é lá que

## CARTA DO PORTO

## VIDA SINDICAL

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

O advogado do Conselho dará hoje, pelas 21 horas, consultas aos operários confederados mediante a apresentação da carteira confederal.

Comunicações

Federação Marítima — Tomou ontem posse a nova comissão administrativa que distribuiu entre si os seguintes cargos: secretário geral, José de Almeida; secretário adjunto, Cândido de Azevedo; secretário administrativo, Carlos de Oliveira Faneca; tesoureiro, João Rosa; vogal, Francisco Luís Veríssimo.

Foram apreciados os trabalhos que serão presentes à Conferência Nacional dos Sindicatos Marítimos a realizar em Lisboa por todo o mês de Janeiro próximo, a qual se ocupará apenas da discussão das seguintes questões:

• Unidade sindical dos sindicatos marítimos sem preocupação de tendências ideológicas no campo nacional ou internacional. • Crise de trabalho na indústria marítima e fluvial em Portugal. • Distribuição de trabalho aos federados pelas classes que o tenham em excesso.

Os sindicatos, aderentes ou não, podem apresentar trabalhos seus até oito dias antes da abertura da Conferência, os quais serão incluídos na ordem de trabalhos.

As circulares convocatórias da Conferência serão enviadas aos sindicatos por toda a semana próxima.

Pessoal do Município — Em face de não ter ainda tomado posse a comissão administrativa, nomeada na última assembleia geral e constatando-se a ausência da maioria dos membros da comissão transacto, deliberaram a deliberação de reassumir as suas funções os ex-secretários geral, de actas e administrativo, respectivamente, Armando Córdeas, Mário Pereira e Hilário Parente. Deliberaram ainda convocar uma assembleia geral para explicar a sua atitude à classe e ir na próxima semana junto da comissão administrativa da C. M. L. tratar da questão das certidões de idade e registo criminal.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares — Confirmando o relato da última reunião do conselho deste organismo e devido a uma notícia publicada no último número de *A Batalha*, o secretariado resolveu publicar o protesto seguinte aprovado por unanimidade na referida reunião:

“O conselho federal, reconhecendo que o ex-delegado dos Litógrafos, Jaime Tiago, por um desleixo injustificável, ainda não elaborou a acta da reunião do conselho efectuada em 1 de Setembro de 1925 e que por várias vezes tem faltado a compromissos tomados a-fim de cumprir éste dever, protesta contra tal facto e convida os secretários das reuniões posteriores a passarem as suas actas ao livro respectivo.”

Federação Metalúrgica — Em reunião da comissão administrativa de 30 de Novembro foi apreciado diverso expediente, entre ele o ofício do Sindicato Metalúrgico de Évora acreditando como seu delegado ao conselho federal o camarada Joaquim Costa, o que foi aceite; ofício do Comité Metalúrgico do Norte, resolvendo-se que baixasse ao conselho federal; ofício do Sindicato Metalúrgico do Porto sobre a atitude assumida pelos delegados desta federação a lucidez dos raciocínios nem a firmeza de opiniões. Como seja preciso satisfazer a curiosidade pública, o pobre Manuel da Silva forja a entrevista, onde inclui uma tal certeza, uma tão profunda visão dos acontecimentos políticos que “não há lugar para uma dúvida, para uma rectificação, para um desmentido. E quando o chefe do governo interessado encontra o seu herói salvador—que nesse dia não teria dinheiro para a renda do quarto—apenas tem uma frase fria e convencional:—Vocé, jornalista, viu bem... ouviu bem.

E o mesmo episódio se verifica depois num momento de crise financeira, ante o qual o ministro das finanças se mostra tão hesitante. E o obscuro Manuel da Silva, que nunca cursara economia, salva a mentalidade financeira apenas armado da sua admirável intuição: O agradecimento por uma entrevista sensacional que não dera foi laconico e inexpressivo na boca do ministro:—Que bom você ouviu...

Anos sucessivos gastos na formação da popularidade e da glória do jornal que tão avorvará pagava que não lhe proporcionava o prazer de um mimo valioso para a amante que ele recatava espiritualmente, no segredo de uma existência comum, mas amargurada—foram a vida de um jornalista probo e inteligente que agitava multidões e alvorocava poderes.

Crítico—sofreu a ingratidão de artistas novos e velhos. Cronista—recompensado do brilho da sua pena a frieza e o desprêzo. Repórter—viveu no esquecimento de uma popularidade que bem deveria ser sua sólida. Contista—as letras não fixaram o seu nome.

E, um dia, falhou num pormenor em minúscula reportagem. Tantos anos de valor não moveram a decisão do director egoísta e cruel—como quasi todos os directores de jornais, ainda aqueles que se julgam propagandistas de formosos ideais. O despedimento, pois, em vez de uma justa consagração.

E foi a roda... E foram anos de torturas e perseguições. E foi, enfim, a doença horrível—tuberculose, único limite da profissão—que o secou, que tornou tão leve a carcassa de um homem, outrora obscuro e grande,—que o seu caixão poderia ser só pessoa, sem esforço, levá-lo sob o braço. Emfim—a morte sem a homenagem, sequer, da classe que prestigiou...

Por toda a sua dissertação, Norberto de Araújo fez perpassar a existência do jornalista, a infindável, tantas vezes, de um simples «reporter» ou de um amargurado redactor, nos acontecimentos mais vastos—mas não deixou de ressaltar a dureza da profissão do jornalista, homem de carácter inquebrantável, e de firmeza de convicções como qualquer outro homem de outra bateria e igualmente árdua profissão.

O conferente foi muito aplaudido, até mesmo pelo «Manuel da Silva» que acabou de redigir estas sumárias notas...

das violências dos industriais cometidas nas pessoas dos operários que têm revelado as suas manigâncias ao público. Entre esses industriais conta-se o sr. José Luís da Costa que adiciona açúcar ao açúcar que moe.

Devido à importância do assunto nenhum refinador de açúcar deve faltar a esta reunião.

Juventudes Sindicalistas

Núcleo de Setúbal.—Reuniu a assembleia geral tendo nomeado uma comissão administrativa que ficou composta por Raul Adão, Jorge Quaresma e Luis Branco. Foi aceite a demissão pedida por José Encarnação Cavacos. A comissão administrativa suspendeu, provisoriamente, os serviços de biblioteca e pede a todos os que tenham livros em seu poder que os devolvam o mais depressa possível, a-fim de aqueles serviços se poderem normalizar no mais curto espaço de tempo. Todas as noites se encontra na sede do núcleo um membro da comissão administrativa.

CONFERÊNCIAS

\* \* \*

“A Arte”

Promovida pela Secção da Moita da Liga de Accção Educativa realiza no próximo domingo, às 13 horas, naquela vila o nosso camarada Nogueira de Brito uma conferência para a qual escolheu o tema “A Arte”.

“Manuel da Silva, jornalista falecido”

O sr. Norberto de Araújo, jornalista, escolheu, para a conferência que tem reunião no Sindicato dos Profissionais da Imprensa, um tema que se tornou interessante na simbolização dos que, tendo revelado no exercício da sua profissão notáveis qualidades de inteligência e assimilação, morrem sem sequer se terem abeirado da popularidade e da consagração que mereciam.

O conferente fez um extenso relato evocador do profissional da imprensa. Manuel da Silva é, afinal, o obscuro trabalhador de jornais que realiza maravilhas para saciar a curiosidade ou a ansiedade do público sempre o segredó de inúmeros acontecimentos políticos, sociais, económicos, financeiros, jornalísticos, artísticos, culturais, científicos, de todos os acontecimentos que emocionam o público cu determinam a vida da sociedade.

Manuel da Silva vai entrevistar um presidente do ministério no momento em que a polícia se debate na confusão ou na indecisão. Mas a grande personalidade, de quem a opinião pública espera uma revelação que valha uma atitude, recebe o jornalista num estado de espírito que não pode garantir a lucidez dos raciocínios nem a firmeza de opiniões. Como seja preciso satisfazer a curiosidade pública, o pobre Manuel da Silva forja a entrevista, onde inclui uma tal certeza, uma tão profunda visão dos acontecimentos políticos que “não há lugar para uma dúvida, para uma rectificação, para um desmentido. E quando o chefe do governo interessado encontra o seu herói salvador—que nesse dia não teria dinheiro para a renda do quarto—apenas tem uma frase fria e convencional:—Vocé, jornalista, viu bem... ouviu bem.

E o mesmo episódio se verifica depois num momento de crise financeira, ante o qual o ministro das finanças se mostra tão hesitante. E o obscuro Manuel da Silva, que nunca cursara economia, salva a mentalidade financeira apenas armado da sua admirável intuição: O agradecimento por uma entrevista sensacional que não dera foi laconico e inexpressivo na boca do ministro:—Que bom você ouviu...

E os sucessivos gastos na formação da popularidade e da glória do jornal que tão avorvará pagava que não lhe proporcionava o prazer de um mimo valioso para a amante que ele recatava espiritualmente, no segredo de uma existência comum, mas amargurada—foram a vida de um jornalista probo e inteligente que agitava multidões e alvorocava poderes.

Crítico—sofreu a ingratidão de artistas novos e velhos. Cronista—recompensado do brilho da sua pena a frieza e o desprêzo. Repórter—viveu no esquecimento de uma popularidade que bem deveria ser sua sólida. Contista—as letras não fixaram o seu nome.

E, um dia, falhou num pormenor em minúscula reportagem. Tantos anos de valor não moveram a decisão do director egoísta e cruel—como quasi todos os directores de jornais, ainda aqueles que se julgam propagandistas de formosos ideais. O despedimento, pois, em vez de uma justa consagração.

E foi a roda... E foram anos de torturas e perseguições. E foi, enfim, a doença horrível—tuberculose, único limite da profissão—que o secou, que tornou tão leve a carcassa de um homem, outrora obscuro e grande,—que o seu caixão poderia ser só pessoa, sem esforço, levá-lo sob o braço. Emfim—a morte sem a homenagem, sequer, da classe que prestigiou...

Por toda a sua dissertação, Norberto de Araújo fez perpassar a existência do jornalista, a infindável, tantas vezes, de um simples «reporter» ou de um amargurado redactor, nos acontecimentos mais vastos—mas não deixou de ressaltar a dureza da profissão do jornalista, homem de carácter inquebrantável, e de firmeza de convicções como qualquer outro homem de outra bateria e igualmente árdua profissão.

O conferente foi muito aplaudido, até mesmo pelo «Manuel da Silva» que acabou de redigir estas sumárias notas...

## Convocações

Litógrafos e Anexos. A comissão administrativa, pelas 19 horas, para tratar dos assuntos pendentes. É conveniente a comparecência de todos os seus componentes visto a importância dos mesmos assuntos. A esta reunião devem comparecer os delegados das oficinas:

Impressores Tipográficos—A direção e cobrador as 21 horas.

Descarregadores de Mar e Terra—A direção juntamente com o conselho fiscal e a mesa da assembleia geral, devendo também comparecer a esta reunião todos os camaradas que receberam ofícios.

S. U. C. Civil—Sociedade Profissional dos Serventes—Assembleia geral, pelas 21 horas, com a comparecência de todos os seus componentes para apreciar o relatório de confas da comissão administrativa da solução.

DIAS PRÓXIMOS

S. U. Metalúrgico—Pelos 21 horas, a assembleia geral, em segunda convocação, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.º Apreciar o relatório dos delegados ao Congresso dos Sindicatos de Lisboa; 2.º Apresentar o novo estatuto do sindicato; 3.º Assuntos diversos.

Refinadores de Açúcar—Reúne-se amanhã, a assembleia geral, pelas 18 horas, a-fim de pautar o caminho a seguir em face

Uma explosão a bordo

BUCAREST, 2.—No porto de Giurgevo, sobre o Danúbio, deu-se uma explosão num navio carregado de petróleo e outros óleos combustíveis, declarando-se um violentíssimo incêndio, que se comunicou a outros vapores que se encontravam junto do porto. O número de vítimas eleva-se a 30 mortos e a uma centena de feridos. —(L.)